

O uso de cores em monumentos

Por Erlei Gobi

Qual o limite deste tipo de iluminação?

OS ESPETÁCULOS TEATRAIS E MUSICAIS SEMPRE UTILIZARAM de forma abundante a iluminação colorida, pois a cor é o mais emocional dos elementos do processo visual. Por meio das cores, é possível chamar a atenção do espectador para algum acontecimento relevante durante uma peça de teatro ou, com uma repetição ritmada, gerar estímulo auditivo e envolvimento com o ritmo da música em um show de rock, por exemplo.

Em um passado não muito distante, os lighting designers tinham certa limitação nas possibilidades do uso da luz colorida; trabalhavam apenas com algumas opções de lâmpadas de descarga com as três cores primárias (vermelho, verde e azul violetado) ou faziam uso de filtros (dicróicos ou gelatinas) aplicados às lâmpadas de luz branca. No entanto, nos últimos anos, com o rápido avanço da tecnologia LED – que possibilita

opções de cores variadas, dimerização e tem alta durabilidade – a cor começou a fazer parte do cenário das cidades, com a utilização em monumentos históricos. A grande questão é: até onde vai o limite desta intervenção artística?

O mau uso da cor

A maioria dos lighting designers afirma que a iluminação colorida está sendo mal empregada nos monumentos e que há exageros. Segundo Fabiano Xavier, lighting designer titular do Atelier Lumière, o problema não é a luz colorida, é o uso que se faz dela. “O que vemos muito, são mudanças de cor baseadas em atos gratuitos, na sequência pré-programada dos players que vêm para controlar o sistema. Está havendo uma renúncia

em dar sentido à cor e à transição de cor. Se você não dá sentido, é apenas um brinquinho que muda de cor, uma moda. Utilizar o LED só porque é uma novidade tecnológica disponível, não faz sentido; é cometer um ato de banalidade”, afirmou.

O lighting designer responsável pelo laboratório de Iluminação da Unicamp, Valmir Perez, explica que um monumento público carrega a cultura popular e histórica de uma determinada região. “O patrimônio histórico não se circunscreve apenas ao material. Não é só o monumento em concreto que está ali – ele vai muito além disso; abrange outras questões que são subjetivas e, estas sim, são muito importantes”. Ele ressalta, ainda, que fazer o projeto de iluminação de um monumento é algo muito complexo. “Eu não tenho notícia de que Picasso, Monet, Van Gogh ou qualquer artista brasileiro tenha pintado um monumento. Se estes artistas conceituados não fizeram uso dessa técnica, quem dá o direito a um designer de iluminação de pintar um monumento com luz? Vou ser sincero: acho que 99% dos designers de iluminação que fazem isso, não sabem o que estão fazendo, e, se sabem, estão se vendendo”, enfatizou.

Plínio Godoy, titular do escritório Godoy Lumitecnia, que realiza muitos projetos de iluminação pública, também se incomoda com algumas aplicações de cor em monumentos. “Em São Paulo, por exemplo, percebo em certas noites um monumento dedicado à Memória de Combatentes iluminado de azul, verde, magenta e, sinceramente, entendo que a construção, que foi criada com tantas referências aos que ali estão em seus descansos eternos, está sendo utilizada de maneira desrespeitosa”, disse.

Para Peter Gasper, lighting designer titular do escritório Peter Gasper Associados, e José Canosa Miguez, lighting designer e consultor em iluminação urbana e da arquitetura, o LED, por se tratar de uma nova tecnologia, está sendo utilizado sem critérios. “O advento do LED vem desinibindo rapidamente os projetistas. Com milhares de gradações de cor, possibilidades de dimerização e efeitos dinâmicos, estes novos equipamentos seduzem e induzem a irresistíveis tentações de impactar a visão da arquitetura com a espetaculosidade da iluminação cênica, especialmente os contratantes políticos, ávidos por espaços midiáticos para divulgar seus projetos ‘espetaculosos’”, afirmou Miguez. Peter



Fabiano Xavier

“O que vemos muito, são mudanças de cor baseadas em atos gratuitos, na sequência pré-programada dos players que vêm para controlar o sistema. Está havendo uma renúncia em dar sentido à cor e à transição de cor. Se você não dá sentido, é apenas um brinquedinho que muda de cor, uma moda. Utilizar o LED só porque é uma novidade tecnológica disponível, não faz sentido; é cometer um ato de banalidade”



Valmir Perez

“Eu não tenho notícia de que Picasso, Monet, Van Gogh ou qualquer artista brasileiro tenha pintado um monumento. Se estes artistas conceituados não fizeram uso dessa técnica, quem dá o direito a um designer de iluminação de pintar um monumento com luz?”

ainda complementa: “Veremos esta tendência florescer por mais alguns anos, pois os fabricantes disponibilizam este recurso como sendo uma gigantesca ‘dádiva tecnológica”.

Como utilizar a cor?

Assim como é quase unanimidade que a iluminação colorida está sendo utilizada em demasia e sem critérios, são unânimes também as vozes que aprovam os LEDs e os consideram uma ótima ferramenta de trabalho. Então, como aproveitar todas as possibilidades que esta tecnologia oferece sem agredir o cenário urbano?

Segundo Miguez, arquitetura é manifestação artística e, como tal, obriga ao respeito de quem nela intervém, especialmente com a manipulação de novas luzes. “Esta obrigação impõe a consciência de que a iluminação artificial estabelece uma leitura completamente diferente daquela determinada pela luz solar. A iluminação artificial sempre descaracteriza a edificação. Pode descaracterizar muito – o que é mau, ou pouco – o que é bom; isto vai depender da competência de quem ilumina”, apontou. Valmir Perez também lembra que o bom designer de iluminação tem que ter a preocupação com o monumento e com sua representatividade para o cidadão daquele lugar. “Um projeto de iluminação sobre um monumento não funciona apenas como estética, funciona como linguagem, como representação de um viés histórico cultural”, complementou.

Fabiano Xavier acredita que o uso das cores pode ser interessante, desde que haja um motivo e que seja muito bem trabalhada e sincronizada. “As mudanças de cor podem ser extremamente sutis e interessantes. É necessária uma regulação para saber quais os elementos da cidade que comportam esse tipo de sistema – um planejamento da imagem urbana noturna. Depois que se estabelece onde é aceitável o uso, é preciso estabelecer com que frequência e com que tempo de exposição. É como uma música: se você escutar a mesma música cinquenta vezes numa noite, você enlouquece. Se eu impuser uma mesma sequência de cores cinco vezes a cada dois minutos, você também vai enlouquecer”, explicou.

Como exemplo de utilização de cor em um monumento, Fabiano Xavier cita o projeto realizado por seu escritório no Elevador Lacerda, em Salvador. “Ele se firmou como ícone da cidade porque mudava de cor quando passava a hora, não por ser colorido; virou um relógio urbano. É preciso criar um mínimo de significado nas coisas”, enfatizou.

Peter Gasper acredita que a iluminação colorida pode ser interessante em datas especiais. “Para caracterizar uma festa, uma comemoração ou para um determinado momento histórico, entendo que se trata de uma solução alegre e conveniente. É como gritar bem alto ‘Estamos em festa. É Natal. É Páscoa. É Carnaval. É Copa do Mundo. É Parada Gay’. Uma forma surpreendente de soltar a franga”. Valmir Perez também apoia o uso das cores, mas



Plínio Godoy

“A cor é boa, bela e interessante e deve ser respeitada e utilizada com maestria, cuidado e responsabilidade. Sua capacidade de impactar pode ser utilizada de maneira a valorizar o espaço noturno. Como uma boa faca, afiada e útil, deve ser utilizada por aqueles que saibam manejá-la, com o perigo de se machucarem, caso não haja o devido cuidado”



José Canosa Miguez

“A iluminação artificial estabelece uma leitura completamente diferente daquela determinada pela luz solar. A iluminação artificial sempre descaracteriza a edificação. Pode descaracterizar muito – o que é mau, ou pouco – o que é bom; isto vai depender da competência de quem ilumina”

sem exageros: “Um designer de iluminação até pode fazer uma intervenção colorida sob um monumento em determinadas situações, mas isso não pode ser regra, tem que ser exceção”. Fabiano Xavier complementa: “Atualmente, há o uso das cores para dias simbólicos, como o Dia Rosa contra o Câncer de Mama. Se há um sistema que permite que se faça, eventualmente, uma programação para atender a campanhas de conscientização, tudo bem; mas não dá pra se fazer isso o tempo todo”.

Para Plínio Godoy, a cor é boa, bela e interessante e deve ser respeitada e utilizada com maestria, cuidado e responsabilidade. “Sua capacidade de impactar pode ser utilizada de maneira a valorizar o espaço noturno. Como uma boa faca, afiada e útil, deve ser utilizada por aqueles que saibam manejá-la, com o perigo de se machucarem, caso não haja o devido cuidado”, ilustrou.

A visão do público

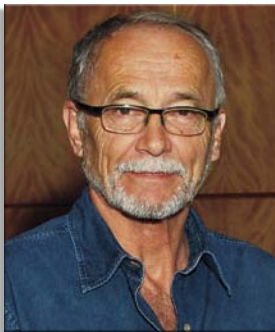
Apesar de afirmarem que atualmente a utilização de cor em monumentos está sendo exagerada, os lighting designers concordam que este tipo de intervenção pode não ser tão mal vista pelo público. “A relação entre o resultado do projeto e o público é uma questão relacionada à cultura do local. Dentro do Brasil, temos diversas situações e culturas variadas, o que faz com que o público reaja diferentemente, caso a caso”, disse Plínio Godoy.

Valmir Perez também acredita que o público gosta deste tipo de iluminação, mas, em sua opinião, por falta de informação. “O público, em sua grande maioria, sequer sabe o que está sendo feito com ele. Nós não somos ensinados desde crianças a sermos apreciadores de algo carregado de estética, de que isso é linguagem; não temos esta formação estética, de linguagem visual, da arte como ciência do subjetivo, pelo contrário, hoje temos a massificação das pessoas e o ensinamento de que arte é apenas entretenimento. E quando você está entretido, você não pensa”, argumenta.

Para Peter Gasper, tudo que é novo atrai os olhares do público, mas em pouco tempo eles irão se cansar e esta “onda” vai passar. “O público se encanta momentaneamente com o efeito. Ele entende esta novidade da mesma forma que se impressiona com um desfile de escola de samba do primeiro grupo, mas logo isso se transformará em déjà vu”, explicou.

O que diz o Iphan?

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é o órgão do Ministério da Cultura que tem a missão de preservar o patrimônio cultural brasileiro. É ele quem define parâmetros, analisa cada caso e aprova projetos de iluminação colorida em monumentos históricos. Porém, na opinião da maioria dos lighting designers, está faltando rigor do órgão no momento das avaliações.



Peter Gasper

“Para caracterizar uma festa, uma comemoração ou para um determinado momento histórico, entendo que se trata de uma solução alegre e conveniente. É como gritar bem alto ‘Estamos em festa. É Natal. É Páscoa. É Carnaval. É Copa do Mundo. É Parada Gay’”



Ana Lúcia Gonçalves

“Controlar o desejo de colorir os monumentos é extremamente difícil, ainda mais hoje em dia com os LEDs. Nossa orientação é que o uso da cor seja sempre criterioso. O Iphan fiscaliza para que haja uma programação definida e sem exageros. No entanto, a partir do momento que não há esse respeito, nós intervimos”

“O Iphan é o órgão que cuida dos monumentos e precisa evoluir neste sentido. Deve colocar na balança quais são as vantagens e desvantagens deste tipo de iluminação e saber proteger muito bem o patrimônio público histórico nacional. Se deixarmos isso nas mãos das prefeituras, dos políticos, da indústria ou de outras organizações que não tenham interesse na proteção do patrimônio histórico, aí vai descambar mesmo”, enfatizou Valmir Perez.

Para Ana Lúcia Gonçalves, do Iphan do Rio de Janeiro, a questão do uso da cor em monumentos é muito polêmica. “Controlar o desejo de colorir os monumentos é extremamente difícil, ainda mais hoje em dia com os LEDs, que possibilitam uma mudança de cores de forma muito simples e rápida. É muito importante que a iluminação reafirme a identidade e as características do monumento. A intervenção não pode ser desassociada do estilo arquitetônico e da questão cultural do espaço urbano. Nossa orientação é que o uso da cor seja sempre criterioso”, afirmou.

Para que um monumento tombado seja iluminado, é preciso passar antes pela aprovação do Iphan. “Cada monumento tem uma identidade única e demanda um projeto de iluminação específico; por esse motivo, os projetos precisam ser analisados caso a caso. Nesta avaliação, levamos em conta a adequação desses projetos às características arquitetônicas do monumento. Se não for compatível, nós não aprovamos”, explicou.

Ana Lúcia Gonçalves afirmou ainda que o Iphan aprova um projeto de iluminação colorida desde que sejam respeitadas as diretrizes do uso da cor para determinado monumento. “O Iphan sempre mostra aos lightings designers sua postura quanto ao uso de cor nos monumentos. Fiscaliza, para que haja uma programação definida e sem exageros. No entanto, a partir do momento que não há esse respeito, nós intervimos”, ressaltou.

Assim como a maioria dos profissionais do mercado, o Iphan entende a iluminação colorida de eventos como algo temporário. “Uma questão é a iluminação permanente, e outra é a iluminação em eventos, que pode ser durante algumas horas ou dias, dependendo do calendário da cidade. Nestes casos, damos mais liberdade. O Cristo Redentor, por exemplo, é iluminado de rosa no Dia Mundial de Combate ao Câncer de mama. Porém, a iluminação permanente é sempre na cor branca”, disse Ana Lúcia Gonçalves.

Plínio Godoy acredita que o ideal é que cada cidade possua um Plano Diretor de Iluminação, pois é este instrumento que define como a cidade gostaria de ser iluminada. “É um documento com a personalidade de cada local. Não devemos definir ou restringir as soluções; devemos dar a oportunidade para cada cidade definir sua aparência, dependendo da cultura local, dos costumes, dos interesses estratégicos e econômicos de cada região.”, finalizou. ◀